

ENTREVISTA COM MIN XUEFEI: CLARICE LISPECTOR NA CHINA**INTERVIEW WITH MIN XUEFEI: CLARICE LISPECTOR IN CHINA**

Li Ye

Pesquisadora autônoma
lidia20060524@hotmail.com

MIN XUEFEI é fundadora e professora do curso de Língua e Literatura Portuguesa da Universidade de Pequim, na China. No seu tempo livre, além de fazer pesquisas acadêmicas com foco em literatura, ela faz traduções de obras literárias de língua portuguesa, incluindo obras de Paulo Coelho, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Mia Couto e Machado de Assis. É a primeira e única tradutora das obras de Clarice Lispector diretamente de português para chinês na China até o momento da realização desta entrevista. Além das práticas da tradução, ela dedica-se ao ensino de língua portuguesa e à formação de novos tradutores literários.

Clarice Lispector é conhecida como uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX. Escreveu diversos romances, contos, crônicas e literatura infantil, com a primeira obra, *Perto do Coração Selvagem*, publicada em 1943. Cenas cotidianas e tramas psicológicas são características marcantes das suas obras, porém a linguagem altamente poética dificulta sobremaneira o trabalho dos tradutores.

*

Revista da Anpoll (RA): *Como foi seu primeiro contato com a literatura de língua portuguesa?*

Min Xuefei (MXF): Para poder responder sobre isso, tenho que falar um pouco sobre minha aprendizagem de português. Depois de concluir o mestrado em Literatura de Língua Espanhola, fui ao Instituto Politécnico de Macau, onde eu lecionava disciplinas de artes liberais não relacionadas com português, enquanto estudava português. Pode-se considerar que a minha aprendizagem de português foi bem-sucedida, pois já contando com as experiências adquiridas no processo de aprendizagem do espanhol, pude dedicar meus esforços principalmente nas diferenças entre o português e o espanhol. Como eu sabia que ia voltar a trabalhar na Universidade de Pequim, e a minha carreira profissional deveria ser dedicada à pesquisa acadêmica, comecei logo a planejar a minha leitura de literatura de língua portuguesa. Porém, durante a leitura, descobri que a minha escolha de mudar a carreira para a área de português foi feita sem uma reflexão profunda, ou seja, foi um impulso baseado em um mal-entendido. Caso me pedissem para fazer essa escolha hoje em dia, provavelmente a faria com mais cuidado. No sentido de línguas, português e espanhol realmente são semelhantes. Mas as literaturas dessas duas línguas formam duas famílias diferentes, o que significa que os meus conhecimentos de literatura de língua espanhola, mesmo que não tenham sido totalmente inúteis, foram



parcialmente imprestáveis para o meu estudo de literaturas de língua portuguesa. Tive que estudar sistematicamente a história de Portugal, a do Brasil, a história da literatura portuguesa e a do Brasil e conhecer a sua periodização e as obras clássicas para poder formular problemas de pesquisa.

Em Macau, a minha leitura de literatura não foi muito sistemática. Apesar da minha aprendizagem rápida do português, não foi possível dominar a história da literatura de língua portuguesa em menos de um ano. Além disso, havia pouquíssimo material em chinês sobre a literatura portuguesa. Havia somente uma tradução do livro sobre a história da literatura portuguesa escrito por Maria Buescu, com 113 páginas, que são, sem dúvida, insuficientes para um estudo acadêmico sobre a literatura. Depois de concluir o curso em Macau, ganhei uma bolsa da Fundação Oriente para frequentar o Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros da Universidade de Coimbra, em Portugal. Naquela época, esse curso era muito intenso. E além da disciplina de literatura, fui também ouvinte de duas disciplinas de literatura do Curso de Licenciatura da Faculdade de Literatura da universidade. Apesar de esse ainda não ter sido um estudo muito sistemático de literatura, pelo menos abriu as portas da literatura de língua portuguesa para mim.

(RA): *As obras de Clarice Lispector foram as suas primeiras traduções de literatura brasileira?*

(MXF): As minhas primeiras traduções foram das obras de Paulo Coelho. Apesar da polêmica sobre o valor literário das obras do autor, acho que seus textos são ideais para tradutores iniciantes por serem populares e claros. Se um tradutor iniciante começa a carreira com alguma obra complexa, há mais possibilidade de fracassar. Traduzi três livros de Paulo Coelho (*Veronika decide morrer*, *O vencedor está só* e *A bruxa de Portobello*) e ganhei muita experiência com elas.

Mais tarde, Peng Lun, o então editor da Companhia Shanghai 99 Readers' Cultures Co., Ltd. me pediu para fazer a tradução do livro *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector. Ele disse que já havia procurado muitos tradutores de português, mas todos falaram que não conseguiram entender essa obra. Eu disse que entendia, mas que não poderia traduzir muito rápido porque naquela época eu iria para Portugal fazer meu doutorado e tinha outras tarefas de estudo. Ele disse que não havia problema e então eu aceitei o trabalho. Em relação ao meu doutorado na Universidade de Coimbra, eu iria escrever uma tese sobre a literatura portuguesa, porque prestava mais atenção nela. Naquela época, eu estava terminando a tradução de Alberto Caeiro e o tema inicial da minha tese foi relacionado a Fernando Pessoa. Entretanto, durante o processo de tradução das obras de Clarice Lispector, achei que ela era muito parecida comigo. A gente combina muito bem uma com outra. Ela virou a minha favorita (mas claro, ainda adoro Fernando Pessoa). Depois, por coincidência, participei de um seminário sobre a literatura brasileira, organizado pela Profa. Maria Aparecida Ribeiro, na Universidade de Coimbra. Como havia somente ela e eu no seminário, ela mudou o foco do seminário para debates sobre Clarice Lispector. Com o passar do tempo, senti cada vez mais que eu deveria escrever a tese sobre Clarice Lispector e no final realmente acabei mudando o tema para um relacionado a ela e trabalhei sob a orientação da Profa. Maria Aparecida Ribeiro. Então, o meu estudo sobre a literatura brasileira foi desenvolvido com foco em Clarice Lispector: conhecer ela e suas obras primeiro, depois as pessoas e os assuntos com os quais ela tinha contato e as tendências daquela época.

(RA): *Pode nos contar quando e como a primeira oportunidade de tradução chegou a você?*

(MXF): A minha carreira como tradutora começou durante o meu mestrado de Língua Espanhola. Naquela época, traduzi, junto com meus colegas, *Os anos com Laura Diaz*, do escritor mexicano Carlos Fuentes, e sozinha um romance de Antonio Skármeta, publicado na revista Yi Lin. Depois de frequentar os cursos de português em Macau e na Universidade de Coimbra, voltei para a Universidade de Pequim. No meu retorno, fui recomendada às editoras por meus colegas e realizei a tradução de algumas obras de Paulo Coelho. Porém, essas foram traduções de obras indicadas pelos meus professores. O meu pensamento independente sobre a tradução literária e sobre a importância de escolher as obras a serem traduzidas iniciou durante o meu doutorado em Literatura de Língua Portuguesa na Universidade de Coimbra em Portugal. Acho que nós, tradutores, não podemos só aceitar a atribuição de editoras de forma passiva. Pelo contrário, devemos dedicar-nos em estabelecer uma ponte entre os escritores que pesquisamos e sua divulgação na China. Isso tornou-se minha estratégia de tradução e a diretriz dos meus atos.

(RA): *E quais obras literárias foram mais marcantes ou exerceram mais influência na sua formação?*

(MXF): Quando comecei a estudar português, a minha visão sobre o mundo já tinha sido praticamente toda formada. Quer dizer eu não era mais uma moça muito fácil de ser emocionada com qualquer coisa que lesse. Se for dizer algo mais chocante para mim, acho que foi Clarice Lispector, porque as suas perspectivas sobre o corpo, os animais e o amor são bem interessantes e puderam incentivar o meu pensamento. O outro foi Antonio Candido. Fernando Pessoa também é um autor marcante, porque suas obras envolvem áreas amplas. Para seguir os passos dele, tenho que sair da minha zona de conforto, superar as dificuldades do desconhecido e abraçar a luz da curiosidade.

(RA): *Além de A Hora da Estrela e Felicidade Clandestina, você traduziu ou pretende traduzir alguma outra obra de Clarice Lispector?*

(MXF): Além dessas duas obras, terminei de traduzir a coletânea de contos *Laços de Família* faz pouco tempo e pretendo traduzir *A Paixão segundo G.H.* dentro de um ou dois anos.

(RA): *Quais são as obras de literatura de língua portuguesa que já traduziu até hoje?*

(MXF): Além das obras de Clarice Lispector, traduzi *Veronika Decide Morrer*, *O Vencedor Está Só* e *A Bruxa de Portobello* de Paulo Coelho, a *Coletânea dos Poemas de Alberto Caeiro* de Fernando Pessoa, *Terra Sonâmbula* de Mia Couto, e, em cooperação com meus alunos, traduzi *Granta: os Melhores Jovens Escritores Brasileiros* e *Coletânea de Contos de Machado de Assis*.

(RA): *Antes das suas traduções, Clarice Lispector não era conhecida na China. Você sabe por que motivo essa editora chinesa resolveu traduzir as obras dela? E por que escolheram essas duas obras, A Hora da Estrela e Felicidade Clandestina?*

(MXF): Em 2009, a Companhia Shanghai 99 Readers' Cultures Co., Ltd decidiu introduzir o livro *Felicidade Clandestina* no mercado chinês. Peng Lun, o editor responsável pelo livro, me procurou e me pediu para traduzi-lo. Durante a tradução, comecei a ter uma dúvida: a publicação da tradução de Clarice Lispector na China deve adotar que tipo de estratégia? As obras de Clarice Lispector, especialmente os seus contos, exploram mais escritas internas e não tanto os enredos. Por outro lado, leitores chineses estão mais acostumados com romances elaborados e têm certo nível de rejeição com contos curtos. Por isso, se fossem lançados primeiro os contos dela, isso ia ser um desafio grande para os leitores. E caso os contos não obtivessem o reconhecimento dos leitores, isso poderia causar mais dificuldade para a divulgação da autora. Além disso, como falado antes, leitores chineses não têm quase nada de conhecimento sobre a literatura brasileira. Neste contexto, devemos pensar cautelosamente sobre como definir estratégias de tradução e publicação favoráveis à divulgação da autora. Antes de terminar a tradução de *Felicidade Clandestina*, por “acidente”, *A Hora da Estrela* teve uma grande exposição aos leitores chineses. O então editor e comentarista literário da revista literária *Chutzpah*, BTR, “descobriu” Clarice Lispector e *A Hora da Estrela* durante uma de suas visitas a livrarias em Paris. Ele ficou muito entusiasmado depois de ler a tradução em inglês e queria divulgar esta escritora na sua revista literária quando voltasse para a China. Por isso, perguntava em todo lugar quem podia escrever uma resenha para *A Hora da Estrela*, mas não achava. Apesar de haver algumas pessoas que tinham lido obras de Clarice Lispector em outras línguas, ninguém havia lido *A Hora da Estrela*, tanto em português quanto em outras línguas. Por intermédio de Peng Lun, ele me achou. Aceitei o convite com muita felicidade. Escrevi a resenha em chinês em três dias, a qual foi publicada na revista *Chutzpah*. Apesar de atualmente estar com publicações suspensas, a *Chutzpah* era uma revista literária com muita ambição naquela época e tinha muitos leitores, principalmente entre o público que já atuava no setor literário ou que tinha como ambição a literatura. A minha resenha recebeu muitos elogios. Por meio dela, muitas pessoas conheceram Clarice Lispector e *A Hora da Estrela*. Visto o reconhecimento que a resenha ganhou, sugeri a Peng Lun introduzir Clarice Lispector no mercado chinês com a tradução de *A Hora da Estrela*, ao invés de *Felicidade Clandestina*. De acordo com análise dos costumes de leitores chineses, aponte para ele que acreditava que o lançamento do romance como estreia da autora na China seria benéfico para a divulgação de Clarice Lispector. Porque, em primeiro lugar, este livro é uma obra de comprimento médio, o que é mais adequado ao costume dos leitores chineses de lerem peças mais longas. Segundo, esta obra pelo menos tem “introdução, desenvolvimento e conclusão”, aparentemente. O fato de haver um enredo linear facilita a aceitação por parte dos leitores chineses. Terceiro, como a publicação da resenha já tinha provocado interesses de muitos leitores pela obra, seria melhor aproveitar esta oportunidade para lançar logo a tradução. Peng Lun aceitou a minha sugestão e alterou a ordem das publicações, lançando primeiro *A Hora da Estrela* em setembro de 2013, com boa aceitação dos leitores, e depois *Felicidade Clandestina*, em março de 2016.

(RA): *Como foi a aceitação na China das obras traduzidas de Clarice Lispector?*

(MXF): Antes da publicação da tradução de *A Hora da Estrela*, havia somente textos breves sobre Clarice Lispector em algumas, mas poucas, revistas na China. Não havia traduções das obras, nem pesquisas profundas. Hoje em dia, Clarice Lispector é vista na China como uma das representantes indiscutíveis da literatura brasileira. Surgiram pesquisas e artigos acadêmicos sobre ela. O nome de Clarice Lispector de vez em quando aparece em textos de alguns críticos chineses de literatura. Com a tradução de mais obras dela e a publicação de mais artigos sobre ela, acredito que a aceitação de suas obras ficará cada vez maior.

(RA): *Antes de fazer a primeira tradução de cada autor, você faz algum trabalho ou leitura preparatórios, como leitura de outras obras do autor, artigos críticos sobre o autor ou outras formas?*

(MXF): Acredito que o trabalho de preparação seja necessário. Como falei antes, minhas pesquisas e traduções são intimamente ligadas. Só traduzo obras dos autores sobre os quais faço pesquisa. Por isso, as traduções fazem parte das minhas pesquisas e certamente já tenho realizado trabalho de preparação antes de começar a tradução. Quanto aos meus alunos que aceitaram traduzir para editoras, geralmente recomendo que, após a leitura das obras que vão traduzir, eles leiam pelo menos as biografias e os principais textos de pesquisa sobre os autores para obterem uma compreensão suficiente sobre as características desses autores antes de começarem a realizar a tradução.

(RA): *A Hora da Estrela é um romance revestido de estudos psicológicos das personagens. É complexo até para leitores brasileiros. Como conseguiu fazer essa tradução? Quanto tempo levou? Pode nos contar a sua experiência na tradução desse romance?*

(MXF): *A Hora da Estrela* é um livro relativamente difícil, mas com certeza não é a obra mais difícil de Clarice Lispector. Textos como “O ovo e a galinha”, que comentei antes, são definitivamente mais difíceis. A tradução de *A Hora da Estrela* foi realizada sem muitos obstáculos. Acabei de traduzir *Laços de Família* e acho que a sua tradução é mais fácil do que a de *Felicidade Clandestina*. Talvez isso seja porque alguns textos de *Felicidade Clandestina* são crônicas e não contos e com isso a autora pôde escrever o que queria com mais vontade. Para realizar a tradução de *A Hora da Estrela*, primeiro é necessário ter técnica. E eu já era uma tradutora experiente naquela época e tinha essa habilidade técnica. Segundo, o conhecimento da autora e da obra também é necessário. Naquela época eu já tinha terminado a tradução de uma grande parte de *Felicidade Clandestina* e estava frequentando o seminário da Professora Aparecida Ribeiro, com leitura de pesquisas básicas da área concluída, que foi a oportunidade adequada. Quando li *A Hora da Estrela* pela primeira vez, não pensei em traduzir este livro. Mas recebi o convite por acaso e resolvi fazer a tradução. O processo de tradução foi bem mais bem-sucedido do que eu imaginava e entreguei a tradução em um mês. Enfim, a tradução de *A Hora da Estrela* foi lançada antes da de *Felicidade Clandestina*. Acho que além das técnicas, a compaixão foi o mais importante para a tradução. Quando traduzi a parte na qual Macabéa morreu no meio de sangue, como um bebê recém-nascido, fiquei muito emocionada. E essa emoção me fez concluir o resto da tradução em uma vez só. Acredito que este tipo de situação acontece também durante a escrita de uma obra. Quando a inspiração vem, a gente não consegue parar.

(RA): *A seu ver, o que levou à republicação da sua tradução de A Hora da Estrela, a demanda do mercado ou a política do governo chinês relacionada à introdução de obras estrangeiras?*

(MXF): Clarice Lispector não é uma autora de *best-sellers*. Por isso, no lançamento da tradução de *A Hora da Estrela*, nem eu nem o editor imaginávamos que ia vender bem. Nem fizemos muita divulgação dela. Neste sentido, a sua reimpressão foi uma grande surpresa. A tradução de *A Hora da Estrela* é uma publicação comercial e a sua venda dependia da divulgação boca a boca. Se for pesquisar a causa da sua reimpressão, talvez os comentários no site *Douban* (equivalente ao que representa a *Goodreads* da *Amazon*) sejam um dos motivos importantes. Os comentários positivos dos primeiros leitores e a boa nota de avaliação atraíram outros leitores.

(RA): *Durante a realização da tradução de obras literárias, você segue, conscientemente, algum método de tradução ou usa algum tipo de teoria para traduzir? Ou é mais levada por suas emoções?*

(MXF): Certamente alguma teoria da tradução foi seguida durante a realização das minhas traduções. Mas esta teoria foi induzida e desenvolvida com base no acúmulo de prática de tradução e não em teorias existentes antes da prática. Em geral, tento seguir o princípio da “equivalência”. O que pode ser traduzido por tradução direta, deve ser traduzido dessa forma, então não faço tradução liberal. Acredito que as minhas traduções tenham um bom alinhamento com os ensinamentos de diversas teorias da tradução intercultural. Mas o primeiro passo para mim não foi aceitar essas teorias, ou seja, as minhas traduções não foram feitas de acordo com as exigências das teorias. Acho que a teoria que me serve mais como orientação na realização da tradução é a perspectiva de língua pura de Walter Benjamin. Porém, essa perspectiva talvez envolva mais a participação de emoção na tradução...

(RA): *Ao fazer a tradução, considera o leitor a que se dirige?*

(MXF): Em primeiro lugar, eu mesma sou uma leitora. Então, durante a realização da tradução, levo meus sentimentos em consideração. Quando eu mesma acho que a tradução está estranha, essa tradução não é válida. Em segundo lugar, não considero sentimentos dos leitores em geral. Primeiro, o que um leitor gosta é um processo subjetivo que não pode ser julgado com precisão e tem uma grande aleatoriedade. Acho que os tradutores devem sobretudo levar em consideração os seus próprios julgamentos. Isso também é uma prova de que a tradutora é também autora ou coautora do livro. Segundo, acho que um livro tem que tomar a iniciativa de procurar seus leitores potenciais, ao invés de se acomodar com leitores estabelecidos.

(RA): *Entre os autores que traduziu, quem foi o mais complexo? Quais são as dificuldades principais encontradas durante a tradução? E como fez para superá-las?*

(MXF): Os autores que traduzi, com exceção de Paulo Coelho, são todos difíceis. Fernando Pessoa, Clarice Lispector e Mia Couto apresentam três tipos de dificuldades. Amigos portugueses e brasileiros já me perguntaram várias vezes como consegui fazer a tradução das obras deles, já que são um pouco difíceis de entender até para os leitores que têm português

como língua materna. Mas realmente consegui traduzi-las e as publiquei, com bons resultados. Isso é confirmação de que a tradução é uma ação misteriosa, o que constrói a essência da teoria da tradução de Walter Benjamin. Como comentei antes, acho que a teoria da tradução dele provavelmente é a única teoria que orienta a minha prática da tradução. Talvez seja porque a tradução em si e a teoria de “língua pura” da tradução de Walter Benjamin têm algo em comum quando se refere ao misticismo. Por isso, a tradução em si é muito difícil. E os escritores que traduzo também são difíceis. Mas esta dificuldade para mim é abstrata e não consigo decompor em dificuldades concretas e dizer como superá-las uma a uma. Como falei algumas vezes anteriormente, o que um tradutor deve fazer é se tornar um autor e escrever livremente na sua língua materna. Para realizar isso, tem que ter as técnicas necessárias, como grandes competências de leitura e de compreensão em língua portuguesa, habilidades de escrita na sua língua materna e o conhecimento e compaixão do mundo do autor original. Felizmente, possuo todas essas qualificações.

(RA): *O fato de as línguas portuguesa e chinesa serem tão diferentes dificulta a tradução ou lhe parece indiferente? Que efeito dessa distância há na prática tradutória e em sala de aula?*

(MXF): É por causa da grande diferença entre as duas línguas que precisamos da tradução. Acho que os tradutores devem enfrentar o “diferente” com uma atitude “indiferente”. Em outras palavras, a obra mais difícil vale mais a pena traduzir. Esta dificuldade é o valor real da tradução e se revela na ansiedade criada por não conseguir alcançar a “equivalência”. Mas a “equivalência” deveria ser o objetivo verdadeiro do tradutor? Em minha opinião, escritores são como Sísifo estão sempre empurrando uma pedra para o alto da montanha. Se o que um escritor realmente quer expressar é sempre infinitamente aproximado, mas nunca igual ao que consegue expressar com palavras, por que tentamos buscar a equivalência exata na tradução? Talvez a criatividade da tradução exista na busca da aproximação infinita da equivalência, que não se realiza. E a tarefa do tradutor é realizar todas as possibilidades da busca de equivalência. Esse também é o princípio para minhas próprias práticas da tradução literária e do ensino da tradução literária: esgotar todas as possibilidades e tentar todas as possibilidades. Só assim que podemos nos tornar verdadeiros parceiros do autor, deixando-o ressuscitar e reviver em nossa língua materna.

(RA): *Você se considera autora ou/ coautora dos livros que traduz?*

(MXF): Considero-me, sim. Ou em palavras mais exatas, deixo que Clarice Lispector ou Fernando de Pessoa encarnem em mim, de modo que possam escrever livremente em chinês. Caso eles fossem chineses, como escreveriam em chinês? É dessa forma que traduzo suas obras...

(RA): *Como está o mercado de tradução literária na China agora? As traduções vendem bem? As editoras pagam razoavelmente para os tradutores?*

(MXF): Na China, atualmente as traduções de literaturas de línguas inglesa e japonesa têm o nível de aceitação do mercado relativamente mais alto. A tradução de literaturas de língua portuguesa tem uma aceitação do mercado chinês muito mais baixa do que a de literaturas de

língua inglesa. Se o número de reimpressões for usado como um parâmetro, até agora as obras de Fernando Pessoa e de Clarice Lispector que traduzi foram aceitas pelo mercado, mas a situação das traduções de outros escritores de língua portuguesa é preocupante. Sem financiamento de países de língua portuguesa, acredito que as editoras chinesas não têm confiança suficiente para publicar traduções de escritores de língua portuguesa que ainda são desconhecidos para elas. Quanto à remuneração de tradução, o que as editoras oferecem é tão baixo que até é ultrajante. Como uma tradutora famosa na China, eu posso conseguir um preço mais alto que a média para meus alunos e para mim, mas ainda é bastante baixo.

(RA): *Imagino que as obras de língua portuguesa ainda são pouco conhecidas na China, correto? Sabe qual obra escrita originalmente em língua portuguesa foi mais vendida na China? Na sua opinião, por que foi essa obra que atraiu mais leitores chineses?*

(MXF): Isso é verdade. Poucas obras literárias da língua portuguesa foram traduzidas para o chinês. Até agora, muitas obras clássicas ainda não têm traduções ou traduções qualificadas para a nossa época. Alguns pesquisadores das literaturas de língua portuguesa formados na Universidade de Pequim e eu temos dedicado os nossos esforços na tradução de literatura de língua portuguesa nos últimos anos e esta situação tem melhorado um pouco. Porém, a realidade das obras de língua portuguesa ainda não tem nem comparação com a tradução e a publicação de obras literárias de línguas inglesa, japonesa, francesa e espanhola na China. Falando da obra mais vendida de língua portuguesa na China, é de Paulo Coelho, sem dúvida. Quanto à sua razão, cito uma frase do escritor brasileiro Cristóvão Tezza, que falou durante uma entrevista na China: Paulo Coelho é um fenômeno e não tem como explicar o porquê.

(RA): *Em sua opinião, por que poucas obras literárias em língua portuguesa foram traduzidas para o chinês até agora?*

(MXF): Realmente há poucas obras de escritores de literaturas de língua portuguesa que foram traduzidas para o chinês. A razão principal é a falta de tradutores e pesquisadores. Antes da criação do curso de português na Universidade de Pequim, as universidades da China geralmente focavam no ensino pragmático de línguas estrangeiras e havia poucas disciplinas de literatura com ensino sistematizado. Havia pouca preocupação sobre a introdução sistemática da literatura de língua portuguesa e os critérios relacionados. Por isso, a tradução dessa área era mantida somente pelo interesse pessoal de poucas pessoas. Entretanto, nos últimos anos, a situação da tradução e introdução da literatura de língua portuguesa tem melhorado muito. A equipe do curso de português da Universidade de Pequim traduziu obras de diversos escritores, incluindo Fernando Pessoa, António Lobo Antunes, José Saramago, Clarice Lispector, Jorge Amado, Rubem Fonseca, Mia Couto, Agualusa, Cristóvão Tezza e Milton Hatoum. Com o crescimento do número de tradutores jovens, o número de escritores com obras traduzidas para o chinês terá um aumento nos próximos anos.

(RA): *Qual o impacto das suas atividades tradutórias nos outros papéis que desempenha como professora universitária e crítica literária?*

(MXF): Eu leciono a língua portuguesa e as literaturas de língua portuguesa. Tanto a língua quanto suas literaturas afirmam uma identidade. Nosso trabalho com a literatura brasileira ou a literatura portuguesa na China tem perspectivas e pontos de partida diferentes dos trabalhos de pesquisadores de português como língua materna. O que fazemos é uma interpretação intercultural. Tradução é uma interpretação intercultural. Por isso, sou a favor da promoção de tradução literária na sala de aula universitária, que se dá de acordo com os seguintes aspectos: 1. Criei a disciplina “Tradução Literária: práticas e críticas”, ensinando como fazer a tradução e a crítica de tradução. 2. Nas aulas de literatura portuguesa ou de literatura brasileira, sugiro que meus alunos leiam as traduções de obras clássicas enquanto pensam sobre as seguintes questões: a. Se a tradução está bem feita. b. Quais são os motivos para que não tenha chegado? c. O tradutor pode ser invisível? Os próprios conceitos do tradutor podem influenciar a tradução? Nas aulas de literatura, não há discussão sobre as traduções. Os alunos devem pensar sobre essas questões depois das aulas. Além disso, sugiro que eles frequentem as aulas de literatura comparada do Departamento de Língua e Literatura Chinesa para obterem um pensamento mais sistemático. 3. Delego aos alunos a tradução de obras de escritores clássicos, que ainda não têm tradução em chinês. Sinto que o meu papel de tradutora faz com que meus alunos tenham um reconhecimento de mim como tradutora e que achem a tradução uma coisa significativa. Talvez alguns deles não sigam a carreira acadêmica no futuro, mas podem fazer tradução no tempo livre como uma resistência à sensação de vazio. Quanto ao meu papel de pesquisadora, já expliquei detalhadamente antes. Para mim, tradução faz parte da pesquisa. Não aceito convite para realizar outras traduções além de Fernando Pessoa e de Clarice Lispector, o que já é suficiente para eu trabalhar por muitos anos. Em relação ao papel de crítica literária, na verdade o meu papel não é de crítica literária, mas de pesquisadora de literatura estrangeira. A razão pela qual deixei essa impressão para os outros talvez seja a falta de críticos de literatura de língua portuguesa na China. Quando uma editora publica uma tradução de um escritor de língua portuguesa, sempre quer que eu escreva um texto para divulgação ou participe de diálogos com os escritores durante suas visitas à China. Com o passar do tempo, formou-se essa impressão.

(RA): *Entre as traduções literárias que já realizou, existe uma tradução que é a sua preferida?*

(MXF): O meu amor por Fernando Pessoa, Clarice Lispector e Mia Couto é igual e estou satisfeita com todas as minhas traduções. Gosto muito de todas elas. Mas se for para escolher uma delas mesmo, acho que é *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, com a qual eu estou satisfeita 100%.

(RA): *Há autores e obras que você gostaria muito de traduzir, mas por enquanto não há oportunidade para realizar a tradução?*

(MXF): Há muitos escritores de língua portuguesa que gosto muito e acho que vale a pena traduzir suas obras para o conhecimento dos leitores chineses. Mas o esforço de uma pessoa é limitado. Os dois escritores, Fernando Pessoa e Clarice Lispector, já têm obras suficientes para eu traduzir por muito tempo. Por isso, a minha tarefa atual é formar tradutores literários. Um tipo de vida é traduzir as obras de escritores que gosto e outro tipo de vida é deixar meus alunos traduzirem as obras de escritores que gosto. Escolhi viver o segundo tipo.

(RA): *Nos últimos anos, parece que você está traduzindo cada vez menos e começou a se dedicar a escrever livros sobre as literaturas de língua portuguesa. Está pensando em se dedicar mais a pesquisas científicas e crítica literária ao invés da tradução literária? Por quê?*

(MXF): Talvez porque eu esteja numa fase nova. Realmente estou numa fase em que devo escrever algo. Assim, sobra menos tempo para a tradução. Porém, ainda estou fazendo tradução. Neste ano, pretendo terminar a tradução de *Laços de Família*. Na academia, tradução não é valorizada. Mas isso não deveria ser uma razão para não fazer tradução. Somos pesquisadores bilíngues e realizar interpretação intercultural de obras estrangeiras é uma das nossas tarefas. Entretanto, esses critérios de avaliação acadêmica fazem com que escolhamos com mais cuidado as obras e os escritores que vamos traduzir. Acho que é necessário estabelecer uma ligação entre a tradução e a pesquisa científica, para que a tradução se torne uma parte integral da pesquisa, ao invés de ser totalmente separada.

Referência

BUESCO, M. L. C. **História da literatura:** Sínteses da cultura portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.

Recebido em: 17 de outubro de 2020

Aceito em: 10 de novembro de 2020

Publicado em Dezembro de 2020